

ANTONIO GIDI

# REDAÇÃO JURÍDICA

**Estilo Profissional**

Forma, estrutura, coesão e voz

Petições, pareceres, sentenças,  
memorandos, cartas, emails, contratos,  
artigos, monografias, dissertações e teses

5ª Edição Revista

2026

 EDITORA  
JusPODIVM  
[www.editorajuspodivm.com.br](http://www.editorajuspodivm.com.br)

## FORMA

### 2.1 ESCREVA DE FORMA CONCISA 1 (FUNDAMENTOS)

[...] não diga pouco com muitas palavras, mas muito com poucas.

Pitágoras (c. 570 – c. 495 BC)<sup>1</sup>

A brevidade é a essência da sabedoria.

William Shakespeare (1564-1616)<sup>2</sup>

Usar muitas palavras para comunicar poucas ideias é sinal  
inconfundível de mediocridade; compactar um pensamento sólido  
em poucas palavras é sinal de genialidade.

Arthur Schopenhauer (1788-1860)<sup>3</sup>

O objetivo é comunicar a maior quantidade de ideias com a  
menor quantidade de palavras.

Herbert Spencer (1820-1903)<sup>4</sup>

#### 2.1.1 Conciso, sucinto e lacônico

Podemos diferenciar *conciso*, *sucinto* e *lacônico*.

1. Pitágoras, in Maturin Murray Ballou, *Treasury of thought: forming an encyclopedia of quotations from ancient and modern authors*, p. 474, 1872 ("Sooner throw a pearl at hazard than an idle or useless word; and do not say a little in many words, but a great deal in a few.").
2. William Shakespeare, *Hamlet*, ato 2, cena 2, 1602 ("Brevity is the soul of wit").
3. Arthur Schopenhauer, On style [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 228-29, 1952 ("A writer must make a sparing use of the reader's time, patience, and attention; so as to lead him to believe that his author writes what is worth careful study, and will reward the time spent upon it. It is better to omit something good than to add that which is not worth saying at all. This is the right application of Hesiod's maxim [...] – The half is more than the whole [...] Therefore, the quintessence only! To use many words to communicate few thoughts is everywhere the unmistakable sign of mediocrity. To gather much thought into few words stamps the man of genius").
4. Herbert Spencer, The philosophy of style [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 260, 1952 ("... the aim must be to convey the greatest quantity of thoughts with the smallest quantity of words").

Ser *conciso* é escrever de forma eficiente, expressar-se apenas com as palavras necessárias para a comunicação da mensagem.<sup>5</sup> O estilo conciso é aquele do qual nenhuma palavra pode ser apagada sem perda do sentido.<sup>6</sup>

Um texto conciso não é necessariamente curto, sem detalhes, sem explicações, esquemático ou críptico. Não é o conteúdo que tem que ser conciso, mas sua expressão: um livro de 500 páginas pode ser conciso e um parágrafo de 4 linhas pode não ser. Ser conciso não é citar apenas dois autores (os únicos pesquisados) em seis parágrafos repetitivos, mas sumarizar o pensamento de vinte autores em quantos parágrafos sejam necessários (não mais). O estilo tem que ser compacto, mas o conteúdo pode ser exaustivo.<sup>7</sup>

Por exemplo, eu exijo que meus alunos respondam a prova de forma concisa. Para tirar boa nota, porém, é preciso escrever muito, pois as perguntas são complexas e há muitos aspectos para analisar em cada questão. Cada aluno escreve de 8 a 20 páginas. Ser conciso não é ser telegráfico, mas ir direto ao ponto e analisá-lo sem repetições, sem ruminação, sem transcrições inúteis, sem encheção de linguiça.

O contrário de sucinto é prolixo.

*Sucinto* é diferente de conciso: é expressar apenas o conteúdo essencial, omitindo detalhes supérfluos.

*Conciso* é uma característica do estilo; *sucinto* é uma característica do conteúdo. Enquanto ser conciso é a preocupação com palavras e expressões inúteis, ser sucinto é a preocupação com ideias e argumentos inúteis. Um texto pode ser conciso sem ser sucinto ou sucinto sem ser conciso.

O bom escritor é conciso e sucinto, mas sem prejuízo da clareza, da precisão e da correção.<sup>8</sup>

Já *lacônico* tem conotação negativa: o texto lacônico é incompleto, difícil de entender por faltar informações importantes. O bom texto é conciso, pode ou não ser sucinto, mas jamais é lacônico.

## 2.1.2 A concisão e os demais princípios de estilo

*Se você quer ser ferino, seja breve; as palavras são como os raios de sol: quanto mais condensadas, mais profundamente queimam.*

Robert Southey (1774-1843)<sup>9</sup>

Os princípios de estilo são interconectados.<sup>10</sup> O texto conciso é mais claro, mais simples e mais vigoroso. A concisão também está ligada a períodos e parágrafos

5. V. Joseph M. Williams & Joseph Bizup, *Style: Lessons in clarity and grace*, p. 132, 2014.

6. V. Ben Jonson (1572-1637), *Timber: or, discoveries made upon men and matter*, 1640.

7. David Mellinkoff, *The language of the law*, p. 405, 1963.

8. Arthur Schopenhauer, On style [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 229-30, 1952.

9. Robert Southey, in Henry Southgate, *Many thoughts of many minds*, p. 71, 1862 ("If you would be pungent, be brief; for it is with words as with sunbeams, the more they are condensed, the deeper they burn.").

10. V. Capítulos 1.1.5, *Os princípios de estilo se complementam e se contradizem*; 2.3.1, *Precisão e clareza*; 2.5.1, *A clareza e os demais princípios de estilo*; 2.8.1, *O juridiquês estrutural*.

curtos: ao retirar palavras excedentes, o tamanho diminui.<sup>11</sup> A concisão também diminui o risco de erro, contradição e ambiguidade.<sup>12</sup> Isso é parte da máxima milenar: “quanto menos você fala, menos você erra”.<sup>13</sup>

Mas os princípios de estilo também são independentes. Uma pessoa pode tanto violar a regra da concisão escrevendo vários períodos pequenos repetitivos e vazios, como pode ser conciso escrevendo períodos e parágrafos longos.<sup>14</sup> Daí a necessidade do tratamento separado de cada princípio.

O texto prolixo é lerdo, flácido, pesado, vagaroso: ele exige maior atenção do leitor para encontrar o seu pensamento no emaranhado de palavras inúteis. Mas o escritor também se perde. Ao perder o controle sobre a forma, perde-se o controle sobre o conteúdo: nem mesmo você consegue entender o que escreveu. Como um polvo em fuga, quando você escreve muito, você esconde sua mensagem na própria tinta.<sup>15</sup> E ao perder o controle sobre o texto, o escritor perde também controle sobre o leitor.

Já o texto conciso é mais fácil de ler, escrever e revisar. Por não conter excessos, o texto é ágil e eficiente, e conduz a um pensamento mais rigoroso. Com palavras concretas e períodos curtos, a lógica do seu pensamento e a relação entre as ideias ficam mais transparentes para você e para o leitor. Como o pensamento flui naturalmente, fica mais fácil estruturar o texto. O texto passa a ser um todo orgânico, em vez de um amontoado de ideias.

Ser conciso, percebeu Kristen Konrad Tiscione, te ajuda a tomar decisões conscientes e conduz a um estilo mais poderoso.<sup>16</sup> Com maior controle sobre o texto e sobre seu pensamento, é mais fácil obter precisão e clareza: você pode detectar mais facilmente falhas no seu raciocínio e aprimorar o conteúdo. Ao ver a realidade com mais precisão, você consegue escrever de forma mais clara ainda, num círculo virtuoso.<sup>17</sup>

Como todo princípio, porém, a concisão pode ceder a outros princípios: quando a concisão é um obstáculo à clareza ou à precisão, estas últimas sempre prevalecem. Para evitar imprecisão ou ambiguidade, pode ser necessário expandir o texto com mais informações ou repetir uma palavra ou uma ideia.<sup>18</sup> Não apague palavras que dão clareza do texto, porque a clareza é o valor mais importante no estilo jurídico.

A concisão deve ser sempre buscada. A verbosidade pode nascer do excesso de cautela, uma determinação de ser claro, didático ou explícito a todo custo. Provavelmente com medo de escrever algo incompleto ou impreciso, juristas escrevem demais. Essa boa intenção tem o efeito inverso, de poluir o texto e esconder a men-

11. V. Capítulos 3.2, *Escreva frases curtas*; 3.5, *Escreva parágrafos curtos*.

12. David Mellinkoff, *The language of the law*, p. 389, 1963.

13. Solomon Ibn Gabirol (c. 1020-1070), *Choice of pearls*, p. 80-81, 1925.

14. V. Capítulo 3.3, *Escreva frases longas*.

15. John Ray, *The wisdom of God manifested in the works of the creation*, p. 339, 1743.

16. Kristen Konrad Robbins-Tiscione, *Rhetoric for legal writers*, p. 229, 2016.

17. V. Capítulo 5.2.4, *O círculo virtuoso da revisão*.

18. George Henry Lewes, *The principles of success in literature* [1865], p. 130-31, 1894.

sagem.<sup>19</sup> A sugestão de escrever de forma concisa, porém, não é uma autorização para escrever em blocos de 140 caracteres.

O escritor experiente reconhece que o texto conciso é mais vigoroso, mais robusto e, portanto, mais persuasivo. Já dizia São Francisco de Sales que quanto mais você falar, menos as pessoas se lembrarão da sua mensagem.<sup>20</sup> Quanto mais simples, mais direto e mais conciso o texto, mais rápida a leitura e mais memorável a mensagem. A ideia se projeta com maior vigor e tem mais impacto no leitor.

É preciso, portanto, encontrar o equilíbrio entre os princípios de estilo, que se complementam e contradizem. Esse objetivo fica mais fácil de atingir quando se pensa na necessidade do leitor.<sup>21</sup>

### 2.1.3 Galho seco, capim e gordura

*não se atinge a perfeição quando já não se tem mais nada a acrescentar, mas quando já não se tem mais nada a retirar.*

Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944)<sup>22</sup>

Várias metáforas podem ser empregadas para explicar o ato de apagar palavras e expressões inúteis. A tarefa é equivalente a podar os galhos secos de uma planta, para ela crescer forte e saudável; arrancar o capim para deixar a grama crescer; eliminar a gordura para que o músculo se desenvolva; cortar a pele morta; cortar a ponta dos cabelos para eles crescerem viçosos e brilhantes.

A mensagem por trás dessas imagens é clara: retirar as palavras inúteis é remover uma força negativa que impede o desenvolvimento da ideia. O texto tem que ser musculoso e firme, não lerdo e flácido; denso, não extenso; limpo, não poluído.

Escrever de forma concisa, porém, não é fácil: requer o tempo, o esforço e a dedicação de um jardineiro que cuida do seu jardim, limpando-o e deixando-o saudável e exuberante.<sup>23</sup>

Escritores inexperientes se apegam emocionalmente ao que escrevem e não conseguem se desvencilhar de trechos irrelevantes, mal escritos ou desinteressantes. Ninguém gosta de apagar o que escreveu: uma vez que uma palavra aparece na tela, a tendência é que ela permaneça, ainda que não tenha utilidade para a mensagem. Por isso, é preciso exercer desapego para sentir prazer em podar o texto. Aprecie a oportunidade de apagar a palavra inútil que está escondendo a genialidade da sua ideia.

19. John Halverson & Mason Cooley, *Principles of writing*, p. 190, 1965.

20. São Francisco de Sales (1567-1622), citado em Henrietta Louisa Lear, *S. Francis de Sales*, p. 45, 1871.

21. V. Capítulo 4.1, *Defina a audiência*.

22. Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), *Terre des hommes*, p. 60, 1939 ("Il semble que la perfection soit atteinte non quand il n'y a plus rien à ajouter, mais quand il n'y a plus rien à retrancher"); *idem*, *Wind, sand, and stars*, p. 66, 1939 ("... perfection is finally attained not when there is no longer anything to add, but when there is no longer anything to take away...").

23. William Zinsser, *On writing well*, p. 12, 2006.

A tecla *delete* é a mais importante do seu teclado; o ato de apagar, o mais importante do processo de escrita. Apague implacavelmente, apague constantemente, apague até não ter mais o que apagar. Apague, apague, apague. Os grandes escritores deixaram claro que acreditam mais no apagar do que no escrever.<sup>24</sup>

## 2.1.4 A irresistível tentação de encher linguixa

*Se tivesse tido mais tempo, eu teria escrito uma carta mais curta.*

Blaise Pascal (1623-1662)<sup>25</sup>

Você jamais será um bom escritor se não se livrar dos vícios da linguagem relaxada. Não infle o texto com palavras, frases e ideias vazias para demonstrar erudição. Muitos fazem isso inconscientemente para encher linguixa. Escrever assim é tão comum que ficou socialmente aceitável. Não há vergonha em ser enrolão. Ao contrário, é algo apreciado pela comunidade jurídica.

Sem nada a perder e com tudo a ganhar, a tentação de encher linguixa é irresistível. O principal problema das petições e monografias brasileiras, além da superficialidade de análise, é a enrolação típica de quem recheia a página para impressionar. Ela é fruto da nossa insegurança. O que poderia ser um artigo sólido é esticado além do limite para justificar um livro. Pela minha experiência, toda petição ou monografia pode ser diminuída à metade sem comprometer o conteúdo.

Imagine a economia social de tempo e energia se os escritores cultivassem uma técnica de pensamento lógica e fossem concisos. Se apagássemos apenas 30% do texto, removendo palavras inúteis e repetição, economizaríamos enormemente o tempo de cada leitor. Essa é a responsabilidade social do escritor.<sup>26</sup>

Mas a verbosidade é uma doença crônica: ela estará sempre dentro de você. Fomos educados sabendo que temos que escrever muito para obter uma boa nota. Escrevemos de forma extensiva com receio de o trabalho não chegar a um tamanho suficiente. Assim, o texto já começa mal escrito. E vamos aumentando aos pouquinhos, acrescentando uma palavra supérflua aqui, uma linha inútil ali, um parágrafo desnecessário acolá. A tentação está sempre presente.

A verbosidade é contagiosa: uma petição longa inspira uma contestação longa, e ambas exigem decisões longas.<sup>27</sup> Decisões longas exigem apelações longas, que exigem acórdãos longos. Acórdãos longos inspiram artigos e livros longos. O círculo vicioso se completa quando artigos e livros longos inspiram petições e acórdãos longos.<sup>28</sup> Ao final, toda a comunidade jurídica sofre com a falta de controle.<sup>29</sup>

24. V. Capítulo 5.2.3, *Revisar é apagar; apagar é aumentar* (citando vários escritores).

25. Blaise Pascal, *Lettres provinciales*, 1657 ("Je n'ai fait celle-ci plus longue que parce que je n'ai pas eu le loisir de la faire plus courte"). Ou "esta carta foi mais longa porque eu não tive tempo de fazê-la mais curta".

26. Thomas de Quincey, Style [1841], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 191, 1952.

27. David Mellinkoff, *The language of the law*, p. 411, 1963.

28. Tom Goldstein & Jethro Lieberman, *The Lawyer's Guide to Writing Well*, p. 114, 2016.

29. Antonio Gidi & Henry Weihofen, *Legal writing style*, p. 62, 2018.

Passamos a vida aprendendo que é bom escrever muito e desenvolvendo técnicas de extensão artificial do texto. Agora, levaremos o resto da vida desaprendendo esse erro, lutando contra o instinto de enrolador que está dentro de cada um de nós. Como viciados que somos, jamais estaremos completamente curados: devemos estar sempre atentos para não termos recaída.

Mas é difícil o escritor se concentrar na concisão nos estágios iniciais da escrita. Esse é o momento em que você tem que estar livre para colocar para fora suas ideias.<sup>30</sup> Por isso, o melhor momento para pensar na concisão é nas muitas revisões que você fará ao texto.<sup>31</sup> Com a maturidade, porém, você se disciplinará para já escrever de forma concisa desde o início.

### 2.1.5 Dois tipos de corte

*Ao escrever uma história, omita as partes chatas.*

Gary Provost (1944-1995)<sup>32</sup>

*Tente omitir as partes que os leitores pulam.*

Elmore Leonard (1925-2013)<sup>33</sup>

Podemos fazer dois tipos de cortes no texto: o microcorte e o macrocorte.

O corte micro remove a flacidez do estilo: elimina palavras inúteis e troca expressões longas por curtas.<sup>34</sup> Este capítulo e o próximo são dedicados ao microcorte.

Mas o bom escritor também faz o corte macro, apagando discussões inúteis ou repetitivas.<sup>35</sup> Se um assunto é óbvio, ultrapassado ou irrelevante, corte ou resume a discussão; se um assunto já foi discutido, não repita a mesma discussão sob outro enfoque. Seu texto ficará mais curto, e o que sobrar estará fortalecido. O texto inútil ou repetitivo não contribui para a mensagem e a enfraquece.<sup>36</sup>

Se o texto é repetitivo, a tarefa de ler passa a ser difícil, cansativa, enfadonha. O leitor pode se irritar e abandonar a leitura, ou pular algumas partes e não entender bem o texto.<sup>37</sup> O leitor ocupado não vai reler a mesma ideia várias vezes sem se aborrecer; ele vai fugir da repetição e das partes desimportantes para encontrar algo interessante. Nem assessores lêem tudo; pressionados pela produtividade, eles lêem somente o necessário. Quando o leitor pula o texto, porém, ele pode pular um argumento importante. Você perde controle sobre o leitor e sobre as partes do seu pensamento que serão lidas. O bom escritor, portanto, apaga essas partes inú-

30. Anne Enquist e Laurel Oates, *Just writing: Grammar, punctuation, and style for the legal writer*, p. 119, 2013.

31. V. Capítulo 5.4, *Ignore este livro ao escrever; pratique-o ao revisar*.

32. Gary Provost, *Beyond style*, p. 40, 1988 (“When you write a story leave out the boring stuff”).

33. Elmore Leonard, *Writers on writing*, *The New York Times*, 16 de julho de 2001; *idem*, 10 rules of writing, 2007 (“Try to leave out the part that readers tend to skip”). V. ainda <https://quoteinvestigator.com/2017/11/14/skip/#f+17230+1+5>.

34. Tom Goldstein e Jethro Lieberman, *The lawyer's guide to writing well*, p. 168, 2016.

35. V. Capítulo 2.2.6, *Escreva sem se repetir*.

36. Tom Goldstein e Jethro Lieberman, *The lawyer's guide to writing well*, p. 168, 2016.

37. Arthur Schopenhauer, *On style* [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 232, 1952.

teis, aquelas que os leitores pulam.<sup>38</sup> Isso já foi percebido no Brasil.<sup>39</sup> Mas poucos sabem como fugir da prolixidade.

Mantenha o leitor no cabresto curto; não permita que ele tenha espaço para divagar sobre seu texto até encontrar as partes essenciais. Com um texto conciso, você exerce maior controle sobre o leitor. O bom escritor não busca a concisão por respeito ao leitor, mas por interesse próprio: para ter certeza de que será lido. Corte tudo que não for essencial, que não precisa ser lido, que não é excelente, que você não tem orgulho, tudo que é meramente introdutório, secundário, bolodório. Se você conquistar a confiança do leitor de que tudo que você escreve é relevante, ele terá receio de pular uma linha e perder alguma informação essencial.<sup>40</sup> Escreva um texto conciso, e ele será lido inteiramente.

Isso me lembra uma coleção de livros publicados no Brasil com o subtítulo *Sem as partes chatas*: eram livros de história, psicologia, filosofia e literatura. Esses não eram os títulos na língua original, mas como jogada de *marketing* para o público brasileiro foi perfeita. Por exemplo, o livro *A less boring world history* foi traduzido como *História do mundo sem as partes chatas*; *Psychology for busy people*, como *História da Psicologia sem as partes chatas*; *Philosophy for busy people*, como *Filosofia sem as partes chatas*; *The Western Lit[erature] survival kit*, como *História da literatura ocidental sem as partes chatas*. Brilhante! Faça o mesmo com seu texto: escreva-o sem as partes chatas.

O autor tem que selecionar o que incluir no texto, mas também tem que selecionar o que não incluir. Tão importante quanto escrever algo é reconhecer quando já se disse tudo. Parte de saber o que escrever, portanto, é saber o que omitir: o que você omite é tão importante quanto o que você inclui.

## 2.1.6 O corte mais doloroso

... várias desculpas são sempre  
menos convincentes que uma...

Aldous Huxley (1984-1963)<sup>41</sup>

Obtêm-se concisão e vigor não só apagando argumentos repetitivos e inúteis – às vezes é importante apagar argumentos válidos.

Imagine que um advogado disponha de sete argumentos possíveis para vencer um processo. Dois deles são excelentes; três, razoáveis; e dois, ruins. O advogado inexperiente alegará todos os sete e ainda acrescentará mais dois frívolos por via das dúvidas. Ele pensa que não há custo para acrescentar argumentos frágeis. Afi-

38. Elmore Leonard, *Writers on writing*, *The New York Times*, 16 de julho de 2001; *idem*, *10 rules of writing*, 2007. V. ainda Gary Provost, *Beyond style*, p. 40, 1988.

39. Pedro Leal Fonseca, *Fim do juridiquês: Falta de clareza em textos faz juiz pular parágrafos*, *Conjur*, 31 de março de 2010.

40. Ralph Waldo Emerson, *Journals of Ralph Waldo Emerson*, v. IX, (1856-1863), p. 436, 1914; Richard K. Neumann & Kristen Konrad Tiscione, *Legal reasoning and legal writing*, p. 154, 2013.

41. Aldous Huxley, *Point counter point*, p. 6, 1928 (“... several excuses are always less convincing than one...”).

nal, basta um argumento para vencer; os demais são irrelevantes. É a famosa técnica de jogar o barro na parede para ver o que cola.

O advogado americano, ao contrário, é treinado para selecionar os dois ou três argumentos fortes e abandonar os fracos (aqueles que, ainda que válidos, têm menor probabilidade de convencer). Em vez de nove argumentos distribuídos em 18 páginas, a petição terá apenas dois argumentos em oito. A petição terá a metade do tamanho, mas cada argumento será discutido no dobro de páginas. Desobrigado dos argumentos fracos, você ainda terá mais tempo para pesquisar e escrever sobre os fortes. Além disso, você não correrá o risco de diluir o impacto dos argumentos principais nem de distrair o juiz com argumentos periféricos, fáceis de rejeitar. A petição ficará mais eficiente e convincente, especialmente se você começar com o argumento mais forte.<sup>42</sup>

Enquanto o primeiro advogado caça com espingarda cartucheira (*shotgun* ou *scattershot*), o segundo é atirador de elite com rifle de longa distância (*sniper*). A bibliografia americana sobre o assunto é vasta, geralmente em forma de conselhos informais em conferências proferidas por advogados e juízes experientes.<sup>43</sup> Mas até decisões judiciais enfrentam o assunto.<sup>44</sup>

Esse ensinamento é particularmente importante em apelação, mas é aplicável também em primeira instância. Como disse Myron Bright, se você não vai vencer com os argumentos mais fortes, você não vai vencer com os mais fracos.<sup>45</sup> Um juiz foi ainda mais honesto, confessando em tom jocoso: eu não lembro jamais de ter decidido um caso com base no nono ou décimo argumento, mas talvez seja porque eu não lembro jamais de ter lido até o nono ou décimo argumento.<sup>46</sup>

É apavorante apagar argumentos fracos: todos já ouvimos casos em que o argumento mais improvável foi o que fundamentou a decisão judicial. Mas isso acontece mais raramente do que pensamos. Muito mais provavelmente, as centenas de vezes que incluímos argumentos fracos enfraqueceram nossa posição e perdemos um caso que poderíamos ter ganhado. É preciso conhecimento, coragem e confiança para abandonar argumentos fracos; mas se você fizer escolhas conscientes, você vencerá mais causas no arco da sua carreira do que se continuar levantando todas as questões possíveis.

42. V. Capítulo 2.10.11, *Comece com o argumento mais forte*.

43. V., e.g., Paul R. Michel, *Advocacy in the Federal Circuit*, C961 ALI-ABA, p. 14, 1994; Daniel M. Friedman, *Winning on appeal*, *Litigation*, vol. 9, n. 3, p. 17, 1983; Ruth Bader Ginsburg, *Remarks on appellate advocacy*, *South Carolina Law Review*, p. 568, 1999; Rachel Clark Hughey, *Effective appellate advocacy before the Federal Circuit: a former law clerk's perspective*, *Journal of Appellate Practice and Process*, vol. 11, p. 408 e 417-19, 2010; Pauline Newman, *Fourth Annual Judicial Conference of the United States Court of Appeals for the Federal Circuit*, *Federal Rules Decisions*, vol. 112, p. 571, 1987; Gerald Lebovits, *The legal writer*, p. 545, 2016; Richard K. Neumann, Jr. e Kristen Konrad Tiscione, *Legal reasoning and legal writing*, p. 330, 2013.

44. *U.S. v. Levy*, 741 F.2d 915, 924 (7th Cir. 1984); *Reed-Union Corp. v. Turtle Wax, Inc.*, 77 F.3d 909, 911 (7th Cir. 1996).

45. Myron H. Bright, *Appellate briefwriting: some golden rules*, *Creighton Law Review*, v. 17, p. 1071, 1983-1984 (referindo-se a recursos). O mesmo conselho é repetido, de forma genérica, em Antonin Scalia & Brian A. Garner, *Making your case: The art of persuading judges*, p. 22, 2008.

46. S. Jay Plager, *Sixteenth Annual Judicial Conference of the United States Court of Appeals for the Federal Circuit*, *Federal Rules Decisions*, vol. 193, p. 277, 1999.

Essa é uma questão de estratégia, não somente de estilo. Sempre haverá motivos táticos que justifiquem levantar argumentos fracos, como ampliar a possibilidade de recursos e até confundir o oponente. Quando você tem um caso fraco, por exemplo, talvez seja melhor levantar o maior número de argumentos possível, na esperança de que vários argumentos fracos somados evoquem uma narrativa que fortaleça a posição. Com um caso forte, porém, a melhor técnica é concentrar-se nos argumentos poderosos e abandonar os demais. Como aconselhou um juiz, vá direto na jugular.<sup>47</sup>

Sempre há o risco de acrescentar páginas desnecessárias ao documento e perder a credibilidade com o juiz com argumentos fracos. E não se esqueça que a paciência do leitor é um artigo raro: quando eu leio um texto que me faz perder tempo com argumentos fracos ou assuntos irrelevantes, eu me sinto insultado porque o escritor demonstra que não respeita meu tempo. E pior, você pode ainda entender o leitor. Como disse Alex Kozinski, “argumentos intrincados são pílulas de dormir em forma de papel”.<sup>48</sup>

## 2.1.7 A concisão no inglês

A língua inglesa é obcecada pela escrita concisa: não somente todos os livros de estilo têm um capítulo extenso sobre a concisão, como há livros escritos especialmente sobre o assunto, inclusive um dicionário do estilo conciso, que ensina a identificar e corrigir prolixidade. Em 577 páginas, apresenta milhares de expressões prolixas, com a versão concisa ao lado.<sup>49</sup>

Em inglês há uma expressão, sem tradução perfeita, que sintetiza bem a obsessão dos americanos por um texto sucinto: *wordy*. “Você é *wordy*” é uma das críticas mais constrangedoras que se pode fazer a um escritor: você usou mais palavras que o necessário para transmitir uma ideia.

Em português, pode-se dizer *prolixo*, palavroso ou verboso. Silvio Romero, por exemplo, disse que José de Alencar: “se distinguiu sempre [pelo] gosto das divagações palavrosas”.<sup>50</sup> Apesar dessas palavras terem o mesmo sentido de *wordy*, seu uso é raro no Brasil e não têm o mesmo poder ofensivo. Afinal, escrever de forma prolixa não é uniformemente repudiado em nossa cultura. No contexto jurídico, é quase um elogio.

Concisão pode parecer mero capricho estético num mundo cercado de problemas catastróficos: pandemia, mudança climática, choque de asteróide. Se você fosse o líder de uma nação em guerra, prestes a ser invadida por uma potência bélica assustadora, a última coisa que passaria pela sua cabeça seria pedir aos funcionários do Ministério da Guerra que escrevessem relatórios sucintos. Mas você não é Winston Churchill:

47. Jacques L. Wiener Jr., *Ruminations from the bench: brief writing and oral argument in the Fifth Circuit*, *Tulane Law Review*, vol. 70, p. 194, 1995-1996.

48. Alex Kozinski, *The wrong stuff*, *Brigham Young University Law Review*, vol. 1992, p. 326, 1992.

49. V. Robert Hartwell Fiske, *To the point: A dictionary of concise writing*, 2014. V. ainda Roy Peter Clark, *How to write short*, 2014; Richard A. Lanham, *Revising prose*, 2007. Na área jurídica, v. Sandra J. Oster, *Writing shorter legal documents*, 2011.

50. Silvio Romero, A poesia popular no Brasil, *Revista Brasileira*, v. III, p. 336, 1880.

Secreto

W.P. (G)(40) 211

9 de agosto de 1940

## GABINETE DE GUERRA

### BREVIDADE

#### Memorando do Primeiro Ministro

Para fazer nosso trabalho, todos temos que ler um amontoado de documentos. Quase todos são longos demais. Isso desperdiça tempo, porque temos que gastar energia para encontrar os pontos principais.

Eu peço aos meus colegas e seus subordinados que redijam relatórios curtos.

O objetivo é produzir relatórios que coloquem os pontos principais em uma série de parágrafos curtos e precisos. [...]

Vamos acabar com frases do tipo: “é também de extrema importância ter em mente as seguintes considerações...” ou “atenção deve ser dada para a possibilidade de levar a efeito...” A maioria dessas frases nebulosas são mero enchimento, e podem ser omitidas ou substituídas por uma única palavra. Vamos escrever com frases curtas e expressivas, mesmo que elas pareçam coloquiais.

Relatórios escritos da forma que eu proponho podem parecer rudimentares comparados com a superfície do jargão oficial. Mas a economia de tempo será enorme, e a disciplina de demonstrar os temas de forma concisa será uma ajuda ao pensamento claro.<sup>51</sup>

Churchill é famoso também por ter recomendado ao seu diretor de inteligência militar a leitura do dicionário de usos de Fowler, quando ele empregou *intensivo* em vez de *intenso*.<sup>52</sup>

Claro que a Inglaterra não ganhou a guerra contra a Alemanha por causa da precisão e concisão estilística da sua burocracia. Se os americanos e russos não tivessem entrado no conflito, os ingleses hoje estariam falando alemão e comendo chucrute (um *upgrade* na culinária inglesa). Mas a preocupação com a linguagem no meio de uma guerra mundial demonstra sua importância prática.

A língua inglesa não é naturalmente concisa nem atingiu a perfeição. Essa conquista foi um trabalho incessante de várias gerações. Vários autores de estilo ainda censuram a verbosidade do inglês. Para William Zinsser,

Entulho é a doença da escrita americana. Nós somos uma sociedade sufocada com palavras desnecessárias, construções circulares, floreios pomposos e jargão inútil.<sup>53</sup>

O trabalho desses estilistas tem dado resultado: o inglês é hoje mundialmente admirado pela concisão, clareza e simplicidade. Muitos pensam que essa é uma qualidade natural do idioma, sem saber que por trás dessa história de sucesso há séculos de depuração linguística.

51. *War Cabinet Paper n. 211*, de 9 de agosto de 1940 (Secret).

52. Memorando do Primeiro Ministro Churchill para o Diretor de Inteligência Militar, 19 de março de 1944, in Winston S. Churchill, *The Second World War: Closing the ring*, p. 701, 1951.

53. William Zinsser, *On writing well*, p. 6, 2006 [1ª ed. 1976].

Embora não seja comum, é possível que uma petição seja indeferida nos Estados Unidos por ser demasiadamente longa e detalhada. A petição longa violaria a Rule 8 das *Federal Rules of Civil Procedure*, que exige que as petições sejam “curtas e simples” e que as declarações sejam “simples, concisas e diretas.” Muitos casos, porém, são teratológicos. Em um caso, por exemplo, um juiz indeferiu a petição inicial e puniu o advogado, porque a prolixidade deixou a petição incompreensível. Foi um caso extremo, de uma petição com dezenas de réus, pretensões frívolas, mais de mil parágrafos e 392 páginas. A petição era repetitiva, sem índice nem sumário. O juiz deu um prazo de 30 dias para o advogado apresentar uma nova petição, sob pena de extinção do processo com resolução de mérito. Um mês antes, o mesmo advogado havia sido punido por outro juiz por apresentar uma petição confusa e frívola de 160 páginas.<sup>54</sup>

Muitos tribunais americanos exigem limites de número de palavras e de páginas nas submissões dos advogados. A Rule 24.6 da Suprema Corte, por exemplo, exige que as petições sejam concisas e logicamente estruturadas, e limitem seus argumentos aos pontos essenciais, omitindo material irrelevante. A Rule 33.1(g) é mais específica, exigindo limites de número de palavras, que variam de 3, 6, 9 até 13 mil palavras (incluindo rodapé), a depender do tipo de documento. As Rules 28(a)(6), (8) e (9) das *Federal Rules of Appellate Procedure* exigem uma linguagem concisa e a Rule 32(a)(1)(7) limita os recursos a 13 ou 6,5 mil palavras.

## 2.1.8 O princípio da leitora ocupada

*Quanto mais tempo e atenção o leitor precisar para processar e compreender cada frase, menos tempo e atenção ele terá para entender a ideia, e menos vivamente ele vai entendê-la.*

Herbert Spencer (1820-1903)<sup>55</sup>

Se você quer escrever bem, parta do pressuposto que sua leitora é ocupada e que seu texto não será a coisa mais importante que ela lerá no dia.<sup>56</sup> A leitora ocupada não tem tempo para garimpar suas preciosidades e ficará irritada se tiver que se esforçar para compreender seu pensamento. Uma decisão americana disse que “juizes não são como porcos, caçando trufas enterradas nas petições”.<sup>57</sup> Não escondam sua joia num monte de entulho só porque você quer impressioná-la com um texto grande e elaborado.<sup>58</sup>

Em um mundo marcado pelo excesso de informações, qualquer atalho é bem-vindo. A leitora ocupada lerá seu texto por um período menor que o necessário

54. *Mendez v. Draham*, 182 F.Supp. 2d 430 (D.N.J.2002); *Leuallen v. Borough of Paulsboro*, 180 F. Supp. 2d 615 (D.N.J. 2002). V. ainda Marcus, Redish, Pfander e Zambrano, *Civil procedure. A modern approach*, p. 178, 2024 (citando casos a favor e contra).

55. Herbert Spencer, *The philosophy of style* [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 239, 1952 (“The more time and attention it takes to receive and understand each sentence, the less time and attention can be given to the contained idea; and the less vividly will that idea be conceived”).

56. Herbert Spencer, *The philosophy of style* [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 239, 1952.

57. *U.S. v. Dunkel*, 927 F.2d 955, 956 (7th Cir. 1991).

58. V. Capítulo 5.1.4, *A responsabilidade é do autor*.

para digerir cada curva do seu raciocínio. Portanto, condense seu estilo, eliminando repetições e palavras inúteis. Eliminando as partes que você não faz questão que sejam lidas, você ressalta as importantes.

Ao analisar os princípios de estilo, Herbert Spencer criou uma teoria geral da comunicação. Segundo ele, o princípio por trás de todos os princípios de estilo é a economia da atenção da leitora.<sup>59</sup> Isso o levou a enunciar o princípio segundo o qual a força da expressão é inversamente proporcional ao tempo e ao esforço mental que ela exige do receptor.<sup>60</sup> Assim, quando você estiver em dúvida entre duas formas de expressar uma ideia, escolha a que exija da leitora o menor esforço para sua compreensão.<sup>61</sup>

Arthur Schopenhauer foi implacável com escritores que não respeitam o tempo da leitora:

O escritor deve usar com parcimônia o tempo, a paciência e a atenção do leitor, para convencê-lo de que o texto é digno de estudo cuidadoso e que o tempo dele será recompensado. É melhor omitir algo importante do que acrescentar algo irrelevante. [...] Portanto, escreva somente a essência. Empregar muitas palavras para comunicar poucas ideias é o sinal inconfundível de mediocridade; compactar um pensamento sólido em poucas palavras é sinal de genialidade.<sup>62</sup>

O jurista brasileiro ainda não aprendeu a apreciar a elegância da concisão e da simplicidade.<sup>63</sup> Ele pensa que a elegância está no rebuscamento palavroso, em cultivar o estilo pelo estilo e não a serviço da mensagem. Quanto mais palavras ele usa para expressar uma ideia, mais intelectualizado ele se sente. A prolixidade é quase uma questão de orgulho profissional: ele usa palavras que se multiplicam sem necessidade, num mar de repetitividade. Jorge Amado fez uma boa descrição do estilo jurídico brasileiro:

A gente de Ilhéus responsabilizava em geral o dr. Rui pelos artigos de *A Folha de Ilhéus* [...], com seu estilo palavroso e de frases redondas e empoladas [...]. Manuel de Oliveira era profissional da imprensa [...]. Era mais ágil e mais direto, quase sempre fazia mais sucesso. Quanto aos artigos do Dr. Genaro, eram cheios de citações jurídicas, o advogado [...] era geralmente considerado o homem mais culto da cidade, falava-se com admiração das centenas de livros que ele possuía.<sup>64</sup>

Essa é uma excelente fotografia do estilo jurídico brasileiro. Para exibir erudição e ser admirados, juristas empregam palavras longas e exóticas e enfeitam seus artigos com clichês e latim. Quem consegue se comunicar com o leitor é o profissional de imprensa, que escreve com agilidade, não com o ego.

Juristas precisam entender que escrevem para profissionais ocupados. Imagine a juíza lendo sua petição no final do expediente, antes de sair para dar aula na faculdade, com o filho em casa com febre, e você entenderá a importância de ser

59. Herbert Spencer, The philosophy of style [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 238-39 et passim, 1952.

60. Herbert Spencer, The philosophy of style [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 259, 1952.

61. Herbert Spencer, The philosophy of style [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 259, 1952.

62. Arthur Schopenhauer, On style [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 228-29, 1952.

63. David Mellinkoff, *The language of the law*, p. 24, 1963.

64. Jorge Amado, *Terras do sem-fim*. Companhia das Letras, 1943.

conciso.<sup>65</sup> O Ministro John Roberts da Suprema Corte norte-americana foi enfático: “eu nunca terminei de ler uma petição e pensei ‘eu queria que ela fosse mais longa’. Quase todas as petições que eu leio poderiam ser mais curtas”.<sup>66</sup>

Quanto mais tempo a leitora gasta para entender a mensagem, menos tempo ela terá para considerá-la. Se o texto estiver ambíguo ou for difícil de ler, você pode antagonizar a leitora. Isso pode levar à rejeição da sua tese, ainda que você tenha razão.<sup>67</sup>

A escolha é sua: você pode dizer a mesma coisa de forma sucinta ou verborágica.<sup>68</sup> Você não está escrevendo um romance nem a leitora lerá o texto para se distrair. Como ensina William Zinsser,

“O segredo do bom estilo é reduzir cada oração aos seus componentes básicos. Cada palavra que não tem uma função, cada palavra longa que poderia ser curta, cada advérbio que contém o mesmo significado que já está no verbo, cada voz passiva ambígua – esses são os milhares adulterantes que enfraquecem a força de uma frase.”<sup>69</sup>

Portanto, não use uma expressão de cinco palavras se puder usar uma preposição de quatro letras. Não use dois parágrafos se puder usar duas frases. Não leve duas páginas dizendo o que poderia ser dito em um parágrafo. O texto deve ser escrito com o mínimo de palavras possível. Mas não cometa o erro oposto. Um texto jurídico não é um telegrama: as palavras necessárias para a compreensão do leitor ou para a completude gramatical não podem ser omitidas. Encontrar esse equilíbrio é difícil e exige sensibilidade: a explicação exagerada é tão ruim quanto a insuficiente.<sup>70</sup>

Seja denso. Use as palavras com parcimônia, apenas quando elas têm algo a acrescentar à mensagem. Respeite o tempo da leitora e não o desperdice com inutilidades. Você não precisa explicar cada detalhe como se ela fosse para uma estudante primária. Seu objetivo é obter o maior efeito na leitora, exigindo dela o menor esforço. Ela dispõe de uma quantidade limitada de energia para ler seu texto. Não é seu interesse fazê-la reler o texto para entender a mensagem, mas refletir sobre ela e absorvê-la.

## 2.1.9 Evite palavras e expressões inúteis

... faça com que cada palavra conte.

William Strunk (1869-1946) e E.B. White (1899-1985)<sup>71</sup>

Toda essa preocupação em cortar palavras pode parecer tolice: o que duas ou três palavrinhas podem afetar um texto? Nada. O problema é que nunca são duas ou três. Quem escreve uma frase repetitiva escreve também uma expressão tauto-

65. Antonio Gidi & Henry Weihofen, *Legal writing style*, p. 61, 2018.

66. Entrevista, *Scribes Journal of Legal Writing*, v. 13, p. 35, 2010.

67. Richard K. Neumann & Kristen Konrad Tiscione, *Legal reasoning and legal writing*, p. 196, 2013.

68. David Mellinkoff, *The language of the law*, p. 412, 1963.

69. William Zinsser, *On writing well*, p. 6-7, 2006.

70. Richard K. Neumann & Kristen Konrad Tiscione, *Legal reasoning and legal writing*, p. 154, 2013.

71. William Strunk Jr., *The elements of style*, 1918; William Strunk Jr. & E. B. White, *The elements of style*, p. 23, 1979 (“... make every word tell.”).

lógica e abusa de palavras muleta. E o excesso se acumula como erva daninha, tomando conta do texto e escondendo a parte relevante. Uma palavra extra em um texto de 15 páginas não oferece nenhum problema; mas um documento inteiro com construções inúteis fica pesado e difícil de ler.

Se não formos obcecados por cortar cada palavra inútil, elas se multiplicarão e enfraquecerão a mensagem. Palavras desnecessárias reverberam e criam ruído na comunicação, como o chiado numa velha gravação. Elas diminuem a velocidade da leitura. Por isso, apague todas palavras e expressões que possam ser omitidas sem comprometer a clareza e precisão da mensagem.<sup>72</sup> Use apenas o essencial para comunicar sua ideia e ela será ressaltada. Ninguém melhor que William Strunk resumiu essa lição:

O estilo vigoroso é conciso. Uma frase não deve ter palavras desnecessárias, um parágrafo não deve ter frases desnecessárias, pelo mesmo motivo que um desenho não deve ter linhas desnecessárias e uma máquina não deve ter peças desnecessárias. Isso não quer dizer que o autor deva escrever todas as frases curtas ou que deva evitar qualquer detalhe e tratar o assunto de forma superficial, mas que ele faça com que cada palavra conte.<sup>73</sup>

Aí está o segredo da concisão. Esse é um dos textos mais frequentemente citados pelos estilistas. A parte final – “faça com que cada palavra conte” (*make every word tell*) – contém uma das lições mais importantes sobre estilo: cada palavra deve ter uma função essencial e trabalhar duro para conquistar o direito de estar no seu texto. Escreva de forma que menos palavras trabalhem mais para comunicar sua ideia.<sup>74</sup>

O desafio do jurista brasileiro para este século é abandonar a cultura de dizer pouco com muitas palavras e passar a dizer mais e melhor com menos. Essa é uma lição milenar.<sup>75</sup> O objetivo do bom escritor é produzir um texto com a metade do tamanho e o dobro do impacto.

Quem quer comunicar uma ideia diz o que pensa diretamente e guia o leitor pelo seu raciocínio; quem não sabe o que quer dizer esconde sua superficialidade num cipoal de palavras.<sup>76</sup> Afinal, sempre soubemos intuitivamente que quem mais fala menos tem a dizer.<sup>77</sup>

Escritores inexperientes divagam tortuosamente em palavras vazias, analisando a mesma coisa sob vários ângulos, achando que estão sendo didáticos, enfático ou exaustivos. O texto vira um amontoado de palavras inúteis e ideias repetiti-

72. George Henry Lewes, *The principles of success in literature* [1865], p. 130, 1894; George Orwell, *Politics and the English language*, 1946; William Strunk, Jr. & E. B. White, *The elements of style*, p. 23, 1979; William Zinsner, *On writing well*, p. 6, 2006; T. A. Rickard, *Technical writing*, p. 23, 1923.

73. William Strunk Jr., *The elements of style*, 1918; William Strunk Jr. & E. B. White, *The elements of style*, p. 23, 1979.

74. Gary Provost, *Make every word count*, 1980; *idem*, *Make your words work*, 2001.

75. Sophocles (c. 496-406 AC); Pitágoras (c. 570 – c. 495 BC), in Maturin Murray Ballou, *Treasury of thought: forming an encyclopedia of quotations from ancient and modern authors*, p. 474, 1872; Herbert Spencer, *The philosophy of style* [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 260, 1952; George Henry Lewes, *The principles of success in literature* [1865], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 293, 1952.

76. Arthur Schopenhauer, *On style* [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 228, 1952.

77. Matthew Prior (1664-1721), *Alma; or, the progress of the mind, The poetical works of Matthew Prior*, v. II, p. 28, 1835.

vas. A análise se torna evasiva, cheia de rodeios, caminhando à deriva. Ao inchar e se perder na forma, o texto fica oco, não enfrentando os principais problemas.

O texto inteligente, porém, é breve e direto ao ponto: “A brevidade é a essência da sabedoria”, disse Shakespeare.<sup>78</sup> Você não quer que digam de você o que Abraham Lincoln disse de um advogado: “mais do que qualquer pessoa que eu conheça, ele consegue comprimir o maior número de palavras dentro das menores ideias possíveis.”<sup>79</sup> Machado de Assis não cairia nessa armadilha: “... nada há mais feio que dar pernas longuíssimas a ideias brevíssimas”.<sup>80</sup>

Muitos escrevem como se fossem pagos por cada palavra escrita; o bom escritor escreve como se fosse pago por cada palavra omitida.<sup>81</sup> O bom escritor vai experimentar laboriosamente, obsessivamente, com cada frase, até estar convicto de que não pode fazê-las mais sucintas sem sacrificar a clareza.<sup>82</sup>

Quintiliano já nos dizia dois mil anos atrás que “o que não ajuda atrapalha”.<sup>83</sup> Para Arthur Schopenhauer, cada palavra supérflua que permanece no texto é prejudicial.<sup>84</sup> Cada parágrafo, cada frase, cada expressão, cada palavra, cada sílaba precisa ter uma função definida no texto e contribuir para a comunicação do pensamento. Se uma mesma ideia está sendo discutida de duas formas diferentes, combine os textos evitando repetição. Apague tudo que não seja essencial ao seu objetivo: tudo que *pode* ser omitido sem comprometer o conteúdo *deve* sê-lo. Afinal, como percebeu Antoine de Saint-Exupéry, “a perfeição não é atingida quando não há mais nada para acrescentar, mas quando não há mais nada para retirar”.<sup>85</sup>

Essa lição milenar é facilmente transposta para a linguagem jurídica persuasiva: “qualquer fato, qualquer observação, qualquer argumento que não fortalece seu pensamento, enfraquece-o, distraindo a atenção” do leitor dos aspectos relevantes.<sup>86</sup>

### 2.1.10 Repetição deliberada e repetição viciosa

*E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos...*

Mateus 6:7

Texto completo não é o que contém todas as informações, mas o que contém todas as informações relevantes e nenhuma irrelevante.

78. William Shakespeare, *Hamlet*, 1602.

79. Abraham Lincoln, *The Works of Abraham Lincoln*, vol 1, p. 378, 1908.

80. Machado de Assis, *Dom Casmurro*, 1899.

81. John R. Trimble, *Writing with style*, p. 48-9, 2011.

82. John R. Trimble, *Writing with style*, p. 49, 2011.

83. Quintilian (35 AD–100 AD), *Institutes of oratory*, 95. V. ainda Pitágoras (c. 570 BC – c. 495 BC), in Maturin Murray Ballou, *Treasury of thought: forming an encyclopedia of quotations from ancient and modern authors*, p. 474, 1872.

84. Arthur Schopenhauer, On style [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 229, 1952. V. ainda Hugh Blair, *Lectures on rhetoric and belle lettres*, vol, I, p. 286, 1787.

85. Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), *Terre des hommes*, p. 60, 1939; *idem*, *Wind, sand, and stars*, p. 66, 1939.

86. Antonin Scalia & Brian A. Garner, *Making your case: The art of persuading judges*, p. 182, 2008.

Ao tirar a gordura, há que se ter cuidado para não cortar na carne e comprometer o conteúdo, a fluidez, a clareza ou a elegância do texto. Não se deve, em nome da concisão, criar um texto lacônico, difícil de ler. Distinguir entre o relevante e o excessivo demanda sensibilidade para identificar o que o leitor precisa saber para entender a mensagem. O autor precisa, portanto, encontrar o equilíbrio entre os diversos princípios de estilo.<sup>87</sup>

Da mesma forma que há colesterol bom e colesterol ruim, há repetição boa e repetição ruim. A repetição condenada é aquela inútil, fruto de desatenção. A repetição deliberada, porém, pode ser utilizada para obter clareza, precisão, ritmo, ênfase ou coesão.<sup>88</sup>

O princípio da concisão repudia palavras inúteis, que roubam a vitalidade do texto. Às vezes, porém, algumas poucas palavras inúteis, quando criteriosamente posicionadas, podem aprimorar a cadência de uma frase e produzir um texto memorável.<sup>89</sup> Várias figuras de linguagem fundadas na repetição de sons, palavras ou ideias podem ser usadas para criar ênfase, tais como aliteração, anadiplose, anáfora, antanáclase, quiasmo, epanalepse, epístrofe, epizêuxis, pleonismo e polissíndeto.<sup>90</sup>

O princípio da concisão, portanto, não é absoluto – nenhum princípio o é. Você pode escrever palavras irrelevantes, desde que haja motivo para fazê-lo. Se você souber o que está fazendo, siga seu instinto de escritor. Desenvolva a sensibilidade para distinguir o necessário do útil e do irrelevante. Com experiência, você desenvolverá empatia para entender quais informações são essência e quais são excesso.

Para ser uma técnica retórica efetiva, a repetição precisa ser feita de forma consciente e parcimoniosa, e com um objetivo definido. A repetição como técnica retórica não é repetir a mesma ideia aleatoriamente várias vezes com outras palavras e batê-la com um martelo até ela entrar na cabeça do leitor. Não é bom estilo ser repetitivo por acidente, até porque se perde o controle sobre o texto. Portanto, use a repetição deliberadamente.

## 2.1.11 Conclusão

O jurista não quer escrever um texto de transcendental beleza, cujo conteúdo represente mais que a soma das palavras. Ele quer um texto limpo, claro, um texto no qual cada palavra conte e nenhuma possa ser dispensada: ele quer comunicar a mensagem de forma efetiva e eficiente, com o mínimo de palavras possível.

O próximo capítulo discutirá exemplos concretos de aplicação do princípio da concisão.

87. V. Capítulo 2.1.2, *A concisão e os demais princípios de estilo*.

88. V. Capítulo 2.5.10, *Ambiguidade deliberada e ambiguidade viciosa*.

89. Anne Enquist e Laurel Oates, *Just writing: Grammar, punctuation, and style for the legal writer*, p. 119, 2013; Joseph M. Williams and Joseph Bizup, *Style: Lessons in clarity and grace*, p. 132, 2017.

90. V., e.g., Bryan A. Garner, *The elements of legal style*, p. 168-75, 2002.